

**Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em
Krahô**

Second language acquisition and the role of non-lexical borrowings from portuguese in Krahô

Midian Araújo Santos
Francisco Edviges Albuquerque
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Araguaína - TO

Resumo

Este estudo analisa os empréstimos linguísticos não-lexicais do Português em Krahô na comunidade de fala Krahô (Jê) da Aldeia Manoel Alves, em Goiatins (TO), considerando os aspectos fonético-fonológicos que fazem parte dos fenômenos linguísticos analisados. As análises são amparadas nas contribuições de Romaine (1995), Carvalho (1989), Weinrich (1953), dentre outros. Os fenômenos linguísticos apresentam aspectos fonético-fonológicos da língua Krahô sendo praticado nas interações comunicativas nos diversos domínios sociais e trazem impacto positivo na conservação da língua materna, mediante a aquisição da segunda língua. Em virtude disso, compreendemos que o conhecimento dos fenômenos apresentados serve de subsídios valiosos para a Educação Intercultural, bilíngue, diferenciada e específica quanto para as ações e projetos públicos de valorização de línguas e culturas minoritárias.

Palavras-chave: Aquisição; Empréstimos não-lexicais; Língua Krahô.

Abstract

This study approaches non-lexical linguistic borrowings from Portuguese in Krahô (Jê) speech community of Aldeia Manoel Alves, in Goiatins (TO), considering the phonetic-phonological aspects that are part of the linguistic phenomena analyzed. The analyzes are supported by the contributions of Romaine (1995), Carvalho (1989), Weinrich (1953), among others. The linguistic phenomena present phonetic-phonological aspects of Krahô language, being practiced in communicative interactions in different social domains and have a positive impact on the conservation of the mother tongue, through the acquisition of the second language. As a result, we understand that knowledge of the phenomena presented serves as valuable subsidies for intercultural, bilingual, differentiated and specific Education for public actions and projects to promote minority languages and cultures.

Keywords: Acquisition; Non-lexical borrowings; Krahô language.

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

1. Introdução

As manifestações linguísticas na língua indígena Krahô (Jê), sejam escritas ou orais, apresentam diversos aspectos resultantes da interação entre indígenas e não indígenas. Por isso, apresentamos, neste estudo, um tratamento dos empréstimos não-lexicais do português na língua materna do povo da Aldeia Manoel Alves Pequeno, situado no município de Goiatins (TO).

Com nossos dados e análises, objetivamos 1) analisar a constituição dos empréstimos linguísticos não-lexicais do português em Krahô e 2) contribuir como referencial didático-pedagógico relevante para a Educação intercultural, bilíngue, diferenciada e específica. Acreditamos que as reflexões podem colaborar para a formação de professores bem como para o fortalecimento da língua e da cultura Krahô.

Antes, porém, da apresentação das análises, elaboramos uma seção sobre aquisição de segunda língua e, na seção seguinte, realizamos uma discussão sobre *codeswitching*, mistura de códigos, interferência e empréstimos linguísticos em Krahô fornece subsídios para as análises amparadas pelos conhecimentos fonético-fonológicos para visibilizar os elementos capazes de dar ênfase às estratégias linguísticas de valorização da língua da comunidade da Aldeia.

2. Metodologia

Esta pesquisa foi realizada com os indígenas Krahô da Aldeia Manoel Alves Pequeno, no município de Goiatins, no Estado do Tocantins, Brasil. Para o desenvolvimento deste trabalho, identificamos os empréstimos linguísticos do Português em Krahô; e, procuramos contribuir com as intervenções políticas e sociais que visam influenciar na Educação Escolar Krahô, Bilíngue e Intercultural com vistas a assegurar o direito de autodeterminação desse povo. Com isso, procuramos focalizar o professor de Língua Materna, sua formação e práticas pedagógicas para assim contribuir com uma educação diferenciada e específica.

Mobilizamos conhecimentos sobre a pesquisa etnográfica participativa a partir das concepções teóricas de Angrosino (2009), Beaud & Weber (2007), e Erickson (1984). Estes teóricos dão sustentação também quanto aos aspectos qualitativos evidenciados nas análises dos dados coletados, na interpretação das atitudes e dos sentimentos favoráveis ou desfavoráveis em relação às línguas envolvidas – Krahô e português – para que pudéssemos perceber o afloramento de reações negativas ou positivas em face do comportamento

linguístico dos sujeitos da pesquisa. Para isso, levamos em consideração as funções e os usos dessas línguas e das classes de situações (domínios sociais) nas quais se dão as interações comunicativas dos indígenas entre si e entre esses com os não indígenas, identificando os empréstimos linguísticos de L2 para L1. Os dados foram colhidos utilizando-se um roteiro básico de entrevista semiestruturada com as pessoas idosas, o diretor da escola, a coordenadora pedagógica, o cacique, os professores indígenas e os não indígenas, a enfermeira e os alunos indígenas. As interações escritas em sala de aula e fora dela também nos serviram de fonte de dados. Nesse sentido, consideramos os seguintes domínios sociais: escola, família, eventos culturais, o posto de saúde e o trabalho.

Na Aldeia Manoel Alves Pequeno realizamos a recolha dos empréstimos em conjunto com os professores a partir da observação participativa nas atividades diárias dos indígenas. Na oportunidade, participamos de um bingo programado pelos indígenas, de cantorias no pátio, de momentos de interação e divertimento como os banhos no rio. Outro momento dessa pesquisa se deu ao levantarmos dados na escola e ainda no posto de saúde da aldeia.

Os dados foram coletados através da observação participante. Segundo Angrosino (2009, p. 74), a observação etnográfica possibilita o envolvimento em maior ou menor grau com o universo pesquisado, em campo, no cotidiano desse povo, em cenários de vida real. Assim, as interações espontâneas e naturais na aldeia tiveram preferência em nossa observação etnográfica (ou observação participante, neste estudo) em virtude da frequência em que são praticadas: os banhos no rio, festa de aniversário, rituais no pátio, as aulas na escola, os momentos de consulta médica e jogos.

Nas idas a campo, registramos ainda por meio de fotos os empréstimos linguísticos em exposição nos murais, nas paredes, acima das portas e no interior das salas de aula, cantina e secretaria. Nas apresentações durante a culminância de um projeto, coletamos textos produzidos pelos alunos e identificamos dados valiosos para o andamento desta pesquisa; e assim o fizemos também em textos escritos elaborados pelos discentes indígenas em outros momentos em sala de aula.

Em nossos dados figuram 198 (cento e noventa e oito) empréstimos linguísticos e todos foram traduzidos juntamente com os professores indígenas e alguns da comunidade com o objetivo de representar provisoriamente os empréstimos linguísticos inseridos na língua Krahô. Destes dados, realizamos um recorte que constitui as 42 análises linguísticas

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

deste estudo. Assim, realizamos a transcrição fonético/fonológica dos itens lexicais que agregam os dados desta pesquisa tanto por uma questão descritiva quanto para compreendermos os aspectos fonológicos vislumbrados nos processos que os estruturam.

3. Aquisição simultânea e aquisição sucessiva de línguas

Nesta seção, discutiremos o processo de aquisição de línguas. Para Mclaughlin (1978 apud Nap-Kolhoff, 2010, p. 17) a aquisição de línguas se divide em dois tipos: aquisição simultânea e aquisição sucessiva.

A aquisição simultânea ocorre desde os primeiros anos de vida nos quais a criança tem contato com as duas línguas. Para Mclaughlin (1978 apud Nap-Kolhoff, 2010, p. 17), a partir dos três anos de idade, quando a criança aprende a segunda língua, é possível classificar como aquisição simultânea. Para Padila Y Lindholm (1984 apud Romaine, 2001, p. 15), somente se poderia falar em aquisição simultânea se a criança estivesse em contato com as duas línguas a partir do nascimento.

Na infância, a aquisição sucessiva ocorre mais tarde que a aquisição simultânea. Meisel (2004 apud Nap-Kolhoff, 2010, p. 18) argumenta que após os cinco anos de idade a aquisição da segunda língua, de fato, se evidencia. Com isso Romaine (2001, p. 15) assinala que essa assertiva auxilia pelo menos na definição de dois critérios: i) o que uma criança aprende em uma língua pode ter efeito na língua aprendida posteriormente; ii) esse critério assegura uma comparação adequada com as crianças monolíngues. Com isso, a aquisição simultânea e a aquisição sucessiva consideram a idade como preponderante para que se caracterize um falante ideal. Para Nap-Kolhoff (2010), quanto mais jovem maior a facilidade para o indivíduo relembrar as palavras novas; por outro lado, os indivíduos mais velhos, são mais cautelosos, como defendem Bialystok & Hakuta (1999 apud Nap-Kolhoff, 2010).

Romaine (1995) não aborda a noção de bilíngue ideal como se fossem dois monolíngues, ao explicar que é impossível um bilíngue viver as mesmas experiências em ambas as línguas. Portanto, um fator relevante nesse processo de aquisição de segunda língua, para Romaine (1995, p. 6), contempla a conduta linguística do bilíngue “como modo legítimo de comunicação”.

Ainda sobre a aquisição de segunda língua, Hyltenstam & Abrahamsson (2003 apud Nap-Kolhoff, 2010, p. 14) argumentam acerca do período crítico. Para esses autores, o período crítico está associado às descobertas biológicas e dura um tempo específico e delimitado: fica entre dois a doze anos de idade. Nessa fase, o indivíduo aprende com mais facilidade. É nessa

época que o cérebro desenvolve propriedades biológicas suficientes para a aquisição e aprendizagem; após isso, a lateralização hemisférica do cérebro é completa e esse processo se tornará mais difícil. Segundo os defensores desta abordagem teórica (Nap-Kolhof, 2010), se o ser humano não adquirir seus conhecimentos linguísticos nesse período, essa finalidade ficaria comprometida após o chamado período crítico. Com relação à aquisição de segunda língua, esses estudiosos acreditam que a aquisição inata faz parte do desenvolvimento biológico do ser humano e assim, a diferença desse processo entre crianças e adultos são sentidos pelos efeitos da maturação.

Conforme Figueiredo (1995, p. 44), quando os pais falam línguas diferentes, a criança desenvolve a aquisição simultânea de línguas; enquanto a aquisição sucessiva figura-se na mudança de uma família para um país de língua diferente ou, no caso de crianças de línguas minoritárias, como é o caso do povo Krahô da aldeia Manoel Alves Pequeno. Lá, as crianças adquirem a língua portuguesa no contexto da escola, fora do domínio do lar e L1 em contexto familiar. Em casa, as crianças interagem entre si e com os pais apenas em Krahô. Esse dado confirma-se também com a pesquisa de Abreu (2012). Nela, dos 47 entrevistados Krahô, 100% confirmaram que usam apenas a língua materna para falar com as crianças. A língua Krahô é, significativamente, falada entre os indígenas em situações formais ou informais, independentemente do assunto/tópico e em todos os domínios sociais, apesar da coexistência com a língua portuguesa.

Para Grosjean (1982), a massiva industrialização, o número de imigrantes, a falta de esforços em prol da manutenção linguística e as pressões de uso relacionada à língua dominante são alguns dos fatores que favorecem a substituição da língua materna em condição minoritária. Ou seja, em relação ao povo Krahô, as tentativas de reforçar um planejamento linguístico com estratégias pautadas no combate ao enfraquecimento de L1, não pode ignorar esses fatores e suas relações como prevalentes na aquisição de L2.

Krashen (1981) define aquisição em oposição à aprendizagem de segunda língua. De acordo com esse autor, a aquisição é um processo no qual os falantes não se preocupam com a forma ou com a construção das sentenças em ambiente natural no qual há interação contínua com os falantes nativos da língua-alvo. Ocorre de forma semelhante entre crianças e adultos. Correções e ensino de regras que são relevantes para a aprendizagem de língua, não o são para a aquisição, conforme Krashen (1981).

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

As atitudes e a aptidão são apontadas por Krashen (1981), como relevantes para adquirir uma segunda língua. Não basta apenas que o indivíduo receba o *input* compreensível, como pondera a autora; é necessário que esteja ‘aberto’, isto é, que o filtro afetivo do indivíduo esteja fraco ou baixo. Em outras palavras, é necessário que o aprendiz esteja motivado, com pouca ansiedade, sem bloqueios para aprender ou adquirir a segunda língua. A hipótese do input compreensível consiste em evidenciar que o foco do aprendiz esteja na mensagem e não na forma. Com isso, Krashen (1981) argumenta que um ensino de L2 baseado na hipótese do input compreensível tem relevantes implicações pedagógicas. Em virtude desse pressuposto, o professor deverá oferecer interações comunicativas naturais de aprendizagem de segunda língua em um ambiente sem ansiedade e que respeite a ordem natural de aprendizagem. Na ordem natural proposta por Krashen (1981), o aluno passa por um período de silêncio até estar pronto para se comunicar em L2, sendo que a audição e a leitura precedem a fala e a escrita. Dessa forma, o professor contribuirá, portanto, para a introdução eficiente do input compreensível.

Não assumimos como relevante, para este estudo, a teoria do Período Crítico. No caso da aquisição da língua portuguesa pelos indígenas consideramos que não somente o fator etário é relevante, como propõe tal teoria; as atitudes dos falantes Krahô, por exemplo, relacionadas à L1 e à L2 determinam o comportamento linguístico desse povo. As atitudes e os sentimentos expressam as preferências pelas línguas e influenciam na escolha linguística nos domínios sociais nos quais tais línguas são faladas. Abreu (2012) aponta que os Krahô preferem expressar-se em L1; consideram-na mais bonita que a língua portuguesa e usam-na, geralmente, nas interações intragrupo, e em diversas interações intergrupo.

Outros critérios também exercem influência determinante no processo de aquisição de línguas. Para R. Elis (2004 *apud* Nap-Kolhoff, 2010), alguns falantes de segunda língua se tornam fluentes e outros apresentam desvios de normas e variedades da segunda língua; e nesse aspecto, alguns fatores desempenham papel determinante. Dentre eles, a quantidade e a qualidade de *input* recebido pelos falantes, as diferenças entre primeira e segunda língua, a motivação para aprender a língua estrangeira ou segunda língua; além da aptidão ou talento do aprendiz que também são levados em conta.

Segundo nossos dados, a língua portuguesa é adquirida entre os Krahô, também, por meio do contato com professores não indígenas, pelos filmes e documentários assistidos pela comunidade Krahô à noite (o motor que fornece energia elétrica só funciona das 18h até as

22h) por meio de um *datashow* instalado em frente à escola, dentre outros fatores. As interações intergrupo contribuem fortemente para esse fim. Nessa perspectiva, ao investigar a facilidade linguística em L1, de um total de 47 pessoas, Abreu (2002, p. 58) observou que 100% delas falam e escrevem fluentemente em Língua Materna em sala de aula e nos domínios sociais da própria comunidade. Todos eles, de acordo com a pesquisa, demonstraram compreender as conversações em Língua Materna. Todos mostraram facilidade em falar a Língua Krahô. Para falar em Língua Portuguesa, as mulheres lideram a estatística sendo 50% de um total de 24 mulheres responderam que tem facilidade de falar em português, contra 30% do total de 23 homens entrevistados do sexo masculino com a mesma resposta. Essa última estatística apresenta as consequências das influências da presença da escola, dentre outros aspectos. Nota-se claramente que a língua portuguesa é introduzida desde muito cedo e de forma generalizada entre este povo indígena. Com isso, nota-se a presença de fatores como o afeto, a cognição e os aspectos linguísticos e o fluxo das interações entre os falantes das línguas envolvidas relacionados à aprendizagem e à aquisição de L2 pelos Krahô.

Assim, faz-se necessário tratarmos brevemente sobre *codeswitching*, mistura de códigos, interferência e empréstimos, a seguir.

4. Empréstimos Linguísticos (*Borrowings*) e a resistência em Krahô

Ao tratar de interferência linguística, mudança e mistura de códigos, bem como dos empréstimos linguísticos, os estudiosos fazem perceber diferentes conceitos que ora convergem ora divergem entre si.

Grosjean (1996, p. 66) define empréstimo como “introdução de uma palavra ou expressão de uma língua adaptada morfológicamente (e com frequência foneticamente) para a base de outra língua”. Há a fase neológica de um empréstimo e também, por parte dos falantes da língua receptora, o sentimento de neologia, como assegura Alves (1990). Na fase neológica ocorre a integração à língua de chegada. E o sentimento de neologia se manifesta, segundo a mesma autora, pelo emprego de recursos visuais como as aspas, maiúsculas e itálico; e ainda, pela tradução dos estrangeirismos e pela metalinguagem. Alves (1990) concorda que a integração do neologismo por empréstimo manifesta-se em diferentes níveis. E assevera que, o falante é tão cômico da inovação que emprega alternativas metalinguísticas diante da situação expressiva ao evocar termos como “os chamados” ou “os ditos” antes das palavras novas.

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

Carvalho (1989, p. 9) adverte que se constantemente uma língua A adquire elementos linguísticos da língua B sem diversificar a(s) língua(s) de origem, o processo culmina com a perda da identidade linguística e cultural de determinado grupo. A perda ou manutenção de determinado complexo linguístico é desencadeado da interdependência de diversas variáveis: o tamanho do grupo, a mobilidade social, a concentração geográfica etc. A atitude dos falantes mediante o fenômeno também é consubstancial para o direcionamento tomado pela situação de contato e seus efeitos na língua, conforme Sousa Filho (2007, p. 77).

A resistência linguística se confirma com a organização lexical de uma determinada língua a partir de seu próprio sistema linguístico, consoante Aguiar (1995 apud Sousa Filho, p. 47). Em Krahô, essa resistência evidencia-se no uso da própria língua para comunicar elementos da cultura não indígena nas interações intra e intergrupo. Analisemos alguns exemplos com as unidades não-lexicais em Krahô seguidos de suas transcrições fonéticas e tradução para o português.

Krahô (transcrição fonética)	Português
(01) ipĩr xà – [ipĩr 'tʃʌ]	interruptor'
trad. lit.= que apaga/desliga + locativo	
(02) 'mẽ carĩc xà jũrkwa' -	
[mẽ kaĩk tʃʌ ɲũr' kʰwa]	posto de saúde'
(trad. lit.: saúde+lugar+casa [lugar – casa + de + curar doente])	

Assim, as unidades lexicais com termos próprios da língua Krahô indicam um processo de articulação dos elementos linguísticos do próprio sistema constituídos com segmentos fônicos e morfológicos da própria língua. A ideia contida na associação dos vários elementos lexicais em Krahô referentes ao conceito advindo de L2 é o término desse processo. A origem dos empréstimos linguísticos está na transferência de 'objetos, conceitos e situações' com suas designações em uma língua diversa da língua da cultura de acolhimento, como afirma Carvalho (1989, p. 42). Para essa autora, os empréstimos linguísticos são produtos de uma adaptação, uma adequação motivada por fins culturais, estéticos e funcionais.

5. Empréstimos não-lexicais por adaptação fonético/fonológica

Na língua Krahô, devido ao forte sentimento de resistência linguística, os empréstimos não-lexicais ocorrem em favor da pronúncia dos fonemas da língua receptora promovendo as adaptações fonético/fonológicas. Romaine (1995) designa essas adaptações de 'nativização'; por sua vez, Haugen (1950a, 1950b, 1953 apud Weinrich, 1953, p. 43) classifica

esse fenômeno denominando-o de ‘substituição fonêmica’. Por meio da substituição, os falantes pronunciam um termo emprestado de acordo com os sons e fonemas da língua doadora. A partir dessas premissas, analisaremos as adaptações fonético/fonológicas dos empréstimos em Krahô:

5.1 Substituindo /l/ e /λ/ por /r/ (tepe ou flepe), por exemplo:

As adaptações ocorridas fonologicamente em Krahô ocorrem pela substituição do /l/ e do /λ/ - ambos inexistentes no inventário fonético Krahô – pelo tepe ou flepe /r/. Nesse caso, o processo ocorreu por assimilação de uma lateral alveolar vozeada pela vibrante, no caso de ‘cawar’, por exemplo. Os empréstimos inseridos na língua indígena por esse viés de estruturação correspondem ao processo rotacizante de substituição dessas consoantes. Ocorre nos itens lexicais (03) a (06) uma substituição da lateral alveolar [l] inexistente no inventário de fonemas da língua Krahô pelo [r]. Esses segmentos são marcados pelo traço distintivo de sonoridade. São classificados, então, como [+sonoro], do ponto de vista fonético.

Krahô	Português
(03) rãj - [rãj]	‘laranja’
is → ø/ __#	
(04) rĩm - [rĩm ø]	‘lima’
a → ø/ __#	
(05) [rejtĩ 'nẽn]	‘leite ninho’
(04) rimãõ - [ri' mãw]	‘limão’
(06) pir - ['pirø]	‘pilha’

O empréstimo (06) exemplifica a substituição da consoante lateral palatal vozeada /λ/ em português, pelo tepe /r/ em Krahô, visto que aquele é um som que não ocorre em L1 nem tampouco a grafia que lhe corresponde. A adaptação se dá por essas consoantes serem produzidas em zonas de articulação aproximadas. Em alguns casos, a adaptação do /r/ resulta em sua transformação em coda da sílaba anterior e o acento recai sobre tal sílaba quando esse processo ocorre ao final da palavra como nas situações demonstradas em (04). Nesse contexto, há apagamento da vogal final também.

A permuta do [l] pelo [r] é um fenômeno recorrente em português, espanhol e em francês. Por razões diversas, explicadas pelo viés histórico, os linguistas perceberam a

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

‘natural inclinação rotacizante dessas línguas’. Em português, a variedade menos prestigiada revela o fenômeno do rotacismo ao dizer praca (para placa), froco (para floco), broco (para bloco), dentre outros exemplos (Bagno, 2009; 2010).

5.2 Substituindo /s/ por /tʃ/

Nos empréstimos em Krahô de (07) a (10), observamos que a fricativa alveolar [s], que não figura entre os sons consonantais Krahô, é substituída pelo som consonantal [tʃ] cuja articulação se assemelha à combinação de uma oclusiva [t] com uma constrictiva [ʃ]. Nos exemplos de adaptações fonéticas do [s] por [tʃ], ambos os segmentos são marcados pelo traço distintivo [-sonoro].

Krahô	Português
(07) xacor - [tʃa'kɔr ø] a → ø / ___ #	‘sacola’
(08) xicar - [tʃi'karø] o → ø / ___ #	‘cigarro’
(09) axuc - [a'tʃuk]	‘açúcar’
(10) ixcor - [itʃ'kɔrø]	‘escola’

A substituição está condicionada a um ambiente no qual uma vogal sucede o som [tʃ] que permanece na posição de onset na sílaba do fonema substituído, como podemos verificar nas adaptações de (07) a (10).

5.3 Substituindo /g/ por /k/

O segmento fônico [g] é adaptado para [k] conforme mostram os empréstimos de (11) e (12). Ambos são oclusivos velares, sendo que o [k] é marcado pelo traço [-sonoro] e o [g] constitui-se como [+sonoro].

Krahô	Português
(11) mantêc - [mã'tekø] a → ø / ___ #	‘manteiga’
(12) prec - [ˈprekø] o → ø / ___ #	‘prego’
(13) xicar - [tʃi'karø] a → ø / ___ #	‘cigarro’
(14) carĩti - [kaɾĩ'ti]	‘galinha grande’

Na substituição do [g] pelo [k] em Krahô, há perda da vogal final e o onset da sílaba na qual ocorre a adaptação se transforma em coda, como nos itens (11) a (14).

5.4 Substituindo /b/ por /p/

Assim como não existe na língua Krahô segmento [g], o [b] também não configura entre os fonemas da língua. Conquanto, nos empréstimos linguísticos que apresentam o [b] em português ocorre uma substituição pela oclusiva bilabial [p] em Krahô, como notamos nas ocorrências linguísticas de (15) a (17).

Krahô	Português
(15) cajap – [kaj' apø]	'goiaba'
a → ø / ___ #	
(16) pehmüt – [peh' mutø]	'bermuda'
a → ø / ___ #	
(17) panan xô – [pananø 'tʃo]	'banana'
a → ø / ___ #	

5.5 Substituindo /d/ por /t/

Nos itens lexicais transcritos acima, ocorrem adaptações fonéticas dos fonemas consonantais do português por outro de L1 cujo modo e ponto de articulação são semelhantes aos da articulação do fonema substituído de L2. Esse fenômeno é percebido nas substituições de /b/ por /p/ como também nas de /d/ por /t/ nos exemplos (18) e (19).

Krahô	Português
(18) hemet – [he' mæt ø]	'remédio'
io → ø / _ #	
(19) hat – ['hat ø]	'rádio'
io → ø / _ #	

Nos empréstimos acima, verificamos a supressão da vogal e semivogal finais da palavra emprestada do português transforma-se pela perda de uma sílaba à direita da palavra importada, e o acento apresenta-se na última sílaba como resultado da adaptação.

5.6 Vocalização de /λ/ por /j/

A vocalização da lateral palatal /λ/ no glide /j/ é percebida nos exemplos (20) a (22). Nas unidades lexicais emprestados do português, a vocalização de /λ/ em /j/ ocorre ao final da sílaba da palavra em Krahô.

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

Krahô	Português
(20) aguj – [a' gujø] a → ø / ___ #	'agulha'
(21) tuaj – [tu' ajø] a → ø / ___ #	'toalha'
(22) cuje – [ku' jε]	'colher'

Em virtude desse processo, a vocalização de /λ/ em /j/ gera uma ditongação ao final das palavras dos exemplos (20) a (22). A adaptação fonológica é designada por Romaine de *loanwords*. Essa autora afirma que no nível fonológico pode haver uma assimilação parcial, ou total da palavra emprestada pela língua que a incorporou.

5.7 Apagamento da Vogal Final

Mesquita (2009) identificou empréstimos em Xerente (Jê) por meio do processo de apagamento. Tal qual na língua Krahô (Jê), a produtividade desse tipo de empréstimo é significativa.

Identificamos o apagamento de vogal final nos itens a seguir.

Krahô	Português
(23) ['kɔpø] o → ø / _ #	'copo'
(24) [ka' warø] o → ø / _ #	'cavalo'
(25) [kaj' apø] a → ø / _ #	'goiaba'
(26) ['karø] o → ø / _ #	'carro'

Em (23) a (25) verifica-se que o onset da última sílaba passa a ocupar a parte pós-vocálica da sílaba que a precede. Em (26) o apagamento produz uma palavra monossilábica. Nos demais exemplos, o acento atribuído à penúltima sílaba em português sofre apagamento em sua adaptação à L1. Assim o onset da última sílaba passa a constituir a sílaba anterior transformando-se coda, nesse contexto.

5.8 Apagamento(s) na(s) sílaba(s) final (is) relacionados ao acento

O apagamento da vogal final e de parte do onset quando ramificado ou não da última sílaba em português está relacionado ao acento em Krahô, como mostram os itens (27) a (31),

por exemplo. A existência nula das sílabas átonas finais no exemplo (30) e (31) também está relacionada à proeminência acentual em Krahô.

Krahô	Português
(27) [oj' tupø] rʊ → ø/_#	'outubro'
(28) [' ritø] rʊs → ø/_#	'litros'
(29) [' retø] ras → ø/_#	'letras'
(30) [ari' kɔpø] tɛrʊ → ø/_#	'helicóptero'
(31) [' ɔkø] ʊlʊs → ø/_#	'óculos'

Ao analisarmos alguns empréstimos com relação ao acento, percebemos a ocorrência de elementos linguísticos em Krahô que designam nomes e estão unidos a outros termos que marcam noções referentes a coisas e ao ser humano. A existência desses elementos ao final dos itens nucleares da estrutura nominal condiciona o acento silábico do elemento principal que recai na última sílaba. Como se percebe nas transcrições fonéticas tratadas de (32) a (33).

Krahô	Português
(32) mẽ ihkrĩ xà [mẽ iʔkrĩ 'ʧʌ] (trad. lit.: coisa+ sentar+locativo)	'cadeira'
(33) mẽ hũpar xà [mẽ hũpar 'ʧʌ] (trad. lit.: plural+que ouve+ instrumental - através de, meio)	'celular'

5.9 Monotongação (V+SV → V)

Nas adaptações a seguir, observamos a redução dos ditongos [ei] e [ou], do português em [e] ou [o] respectivamente. Há uma assimilação do [e] e do [o] mais abertos em face das vogais mais fechadas [i] e [u]. A assimilação é uma força que atua na língua com tendência a transformar dois sons em apenas um.

Krahô	Português
--------------	------------------

(37) rap ti - [rap 'ti]

lápiz – QUANT

lápiz grande

(38) rap re - [rap 'rɛ]

lápiz – QUANT

‘lápiz pequeno’

(39) wapo re - [wapɔ 'rɛ]

faca – QUANT

‘faca pequena’

(40) wapo ti - [wapɔ rti]

faca – QUANT

‘faca grande’

(41) motto ti - [moto – ti]

motor – QUANT

‘motor grande’

(42) motto re - [moto - rɛ]

motor – QUANT

‘motor pequeno’

Notamos que os processos de substituição fonético/fonológico assinalam um percurso de substituição que auxilia no processo de manutenção da língua. Por meio dessas análises, nota-se a reestruturação da língua pelo povo Krahô para mantê-la viva e em funcionamento nos domínios sociais.

2. Considerações Finais

O fenômeno da resistência linguística da língua dos Krahô nos dados analisados se dá por meio da substituição de elementos fônicos existentes apenas em L1 (língua Krahô); dessa maneira, observamos que os empréstimos estão ampliando o repertório linguístico do povo Krahô. Contudo, não identificamos que esta língua esteja morrendo, mas enfatizamos a importância do processo descrito e analisado neste trabalho como uma relevante ferramenta contributiva para a afirmação do fortalecimento da língua Krahô.

Constatamos que, apesar de L2 ser introduzida desde muito cedo na comunidade Krahô, as crianças são monolíngues e há uma grande preferência pelas interações

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

comunicativas inter e intragrupo em L1. Mesmo com a existência de um grande número de empréstimos linguísticos (*borrowings*), as estratégias fonético-fonológicas apresentadas nos empréstimos não-lexicais analisados neste estudo corroboram a prevalência por estratégias de fortalecimento e valorização de L1.

Uma questão central para a compreensão desse processo está ligada aos recursos linguísticos como instrumentos que permitem uma conduta bilíngue na qual os Krahô redefinem e contribuem para o cenário da diversidade sociocultural e linguística do Brasil enquanto país multilíngue. E dessa maneira, conforme Meliá (1999, p. 15), é na ação pedagógica como fruto da alteridade que está a maior contribuição para a aquisição da autonomia dos povos indígenas na ‘reinvidicação pelo direito à terra, na luta pelo respeito e contra o preconceito e a discriminação’.

Referências

ABREU, Marta Virgínia de Araújo Batista. **Situação Sociolinguística dos Krahô de Manoel Alves e Pedra Branca:** uma contribuição para a educação escolar. Orientador: Dr. Francisco Edviges Albuquerque. 2012. 180f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura). Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, TO, 2012.

ALVES, Maria Ieda. **Neologismo – criação lexical.** São Paulo : Ática, 1990.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante.** BOOKMAN COMPANHIA EDITORA LTDA, 2009, p.138.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico.** São Paulo : Editora Loyola, 2009.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula.** 3ª Ed. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo:** produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Linguísticos.** Série Princípios. Editora Ática. São Paulo : 1989.

CORREIA, Margarita. Para a Compreensão de ‘empréstimo interno’: primeira abordagem. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e FINATTO, Maria José Bocorny (Org.) – **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** volume IV, Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2008.

ERICKSON, Frederick. What makes school ethnography ethnographic? **Anthropology and Education Quarterly**, Vol. 15, p. 51-66, 1984.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aquisição e aprendizagem de segunda língua**. Signótica 7: 39-57, jan/dez. 1995.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Harvard University Press, 1982.

KRASHEN, S.D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. University of Southern California, 1981.

MESQUITA, Rodrigo. **Empréstimos Linguísticos do Português em Xerente Akwe**. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio. 2009. 144 f. Dissertação. (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, 2009.

NAP-KOLHOFF, Elma Marcelle. **Second language acquisition in early childhood: a longitudinal multiple case study of Turkish-Dutch children**. Universiteit van Tilburg, 2010. Disponível em: https://pure.uvt.nl/portal/files/1218583/Proefschrift_Elma_Nap-Kolhoff_120510.pdf. Acesso em: 13 de janeiro de 2014, às 11h40min.

ROMAINE. Suzanne. **Bilingualism**. Second Edition. Editora Blackwell, 1995.

_____. Consecuencias de la investigación sobre las primeras etapas del desarrollo del bilingüismo em La política sobre educación bilingüe. **Revista de Educación**. Num. 326 (2001), p. 13-24

SANTOS, M. A. **Contato de línguas: atitudes dos Krahô em relação ao bilinguismo e os empréstimos linguísticos do português**. Orientador: Dr. Francisco Edvigés Albuquerque. 2014. 164 f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Ensino de Línguas e Literatura). Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína – TO, 2014.

SOUSA FILHO, Sinval Martins de. **Aspectos morfossintáticos da língua AkwẽXerente (Jê)**. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio. 2007. 327 f. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2007.

WEINREICH, U. **Languages in contact: Finding and problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

Nota

Este estudo faz parte de pesquisa de Pós-Graduação (Mestrado).

Agradecimento:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio ao PPGLIT/UFNT

Aquisição de segunda língua e o papel dos empréstimos não-lexicais do português em Krahô

Sobre os autores:

Midian Araújo Santos

Mestre em Letras e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em Araguaína - TO. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7499-8255>. E-mail: mi_dian_karen@hotmail.com

Francisco Edviges Albuquerque

Doutor em Linguística pela Universidade Federal Fluminense. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins, em Araguaína - TO. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3618-2258> E-mail: fedviges@uol.com.br

Recebido em: 09/04/2024

Aceito para publicação em: 14/04/2024